

≡▲▼
**CURADOR
VISITANTE**

**Daniela
Labra**

Ministério da Cultura, Itaú, Governo do Rio de Janeiro,
Secretaria de Estado de Cultura, Escola de Artes Visuais do Parque Lage
apresentam [*present*]

Depois do Futuro

4 de março - 1º de maio de 2016

After the Future
March 4 - May 1, 2016

Alice Miceli
Amanda Copstein ▲
Ana Matheus Abbade ▲
André Queiroz ▲
Brenno de Castro ▲
Caroline Pavão ▲
Cristiano Lenhardt
Daniel Beerstecher
Daniel Escobar
Dani Ferreira ▲
Emília Estrada ▲
Felipe Ferreira ▲
Fernanda Andrade ▲
Franz Manata e [and] Saulo Laudares
Gustavo Speridião
Guto Nóbrega
Irene de Andrés
Isis Passos ▲
Joana Csekö e [and] Pedro Urano
João Paulo Racy ▲
Jorge Menna Barreto
Julia Rometti
Laercio Redondo
Lia do Rio
Leonardo Herrera
Manoel Manoel ▲
Maria Thereza Alves
Mariana Kaufman ▲
Pablo Lobato
Pedro Victor Brandão
Ricardo Càstro
Runo Lagomarsino
Tamiris Spinelli
Teresa Margolles
Tiago Rubini
Traplev
Zé Carlos Garcia

foto [photo] Pedro Aguilon

ASSISTENTES DA CURADORIA CURATORIAL ASSISTANTS: Aline Baiana Cavalcanti ▲ e [and] Emília Estrada ▲
▲ estudantes [*students*] EAV Parque Lage



Conversa entre Lisette Lagnado, diretora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e **Daniela Labra,** quarta convidada do programa Curador Visitante

Lisette Lagnado: O programa Curador Visitante foi criado para fomentar práticas curatoriais com uma perspectiva mais experimental, estimulando o convidado a questionar formatos expositivos. A Escola de Artes Visuais do Parque Lage é um local propício nesse sentido, com sua aura da efervescência cultural desde os anos 1970, sem contar os 52 hectares de Mata Atlântica. A exposição que você propõe teria sido possível dentro de uma instituição museológica ou foi especialmente concebida para um contexto de educação e pesquisa? Que diferenças consegue ver?

Daniela Labra: A curadoria de “Depois do futuro” foi específica para o Parque Lage. Propus pensar o que é autoria, crítica, fazer artístico e ensino de arte em um cenário cultural, social e político hoje tão complexo quanto instável. Desde o início, meu objetivo era estabelecer uma relação dialógica entre discursos teóricos e práticas artísticas contemporâneas e, também, mostrar como essas práticas respondem aos cenários de futuro que se apresentam empiricamente, com perspectivas muito preocupantes de escassez de água, comida, pandemias, guerras étnicas... Trabalhei com a noção de futuro como utopia modernista em processo de esfacelamento e descrença: o futuro não mais como avanços e progresso da civilização ocidental, mas como imagem nebulosa em que a vitória do homem culto sobre a natureza ou a selvageria dos povos conquistados não se deu como predicado por um pensamento europeu iluminista.

O ponto de partida foi o pós-doutorado que desenvolvi na ECO/UFRJ, “Depois do futuro: ruínas e reinvenções da modernidade nas artes contemporâneas”. Trabalhei com autores diversos, como Marc Augé, David Harvey, Andreas Huyssen, Nestor Garcia Canclini, Milton Santos, Gilberto Freyre e Walter Benjamin, entre outros, para refletir sobre questões tão variadas quanto o lugar da arte na pós-modernidade, os processos de construção da sociedade brasileira ou, ainda, a discussão da arte como produto de consumo em um cenário regido pelo imediatismo. Apesar da carga teórica, as obras não pretendem servir de ilustração. A exposição analisa um panorama de indefinições detectadas diariamente.

LL: Uma outra ideia do programa Curador Visitante consiste em escolher projetos de alguns estudantes (no mínimo cinco) e orientá-los para participar de uma coletiva com artistas já inseridos no circuito, sem estabelecer hierarquias. É uma iniciativa que pretende proporcionar uma rede de trocas profissionais, assim como vemos jovens em bienais montando seu trabalho ao lado de artistas mais consagrados e que admiram. Lembro-me do interesse da viúva de Gordon Matta-Clark, Jane Crawford, por Tomás Saraceno e Marcelo Cidade na 27ª Bienal. Na tua exposição, os alunos representam cerca de um terço da mostra. Você acredita que a arte deveria prescindir de processos seletivos?

Ocupamos as Cavalariças durante uma semana em dezembro passado, com todos os alunos. Virou um grande laboratório que permitiu testar no espaço alguns trabalhos prontos e promover rodas diárias de conversas.

DL: Houve, sim, um processo seletivo a partir de cartas de intenção. Uma vez constituída a turma, apresentei as propostas dos artistas que convidei para a exposição. Trabalhamos como um grupo de estudos e isso envolveu pesquisas sobre sociologia, geografia, estética, biopolítica, entre outras ciências humanas. Os alunos traziam questões, artistas, bibliografias, *links*, e tiveram seu projeto discutido coletivamente. Aos interessados em teoria, estimei que escrevessem sobre temas ou obras instigantes durante os encontros.

A exposição em si reflete um conjunto significativo da rede de trocas que se estabeleceu. Venho desenvolvendo um “método” de dinâmicas de estudos há uns cinco anos, orientando grupos de pesquisa artística de modo independente. Já tive experiências de exposições que surgiram de processos de análise crítica da produção dos alunos e, todas as vezes, aproveitamos para encerrar a montagem como uma prática de ensino.

LL: No começo, você quis concentrar toda a produção dos alunos em uma sala do Palacete. Por quê?

DL: Sim, o projeto, que aconteceria em novembro de 2015, reservou uma das galerias para ser ocupada pelos alunos de modo processual. Imaginei essa “sala dos alunos” como um espaço vivo na exposição. Foi uma proposta de cruzar o olhar curatorial com o de professor/propositor. Porém, como a Escola precisou adiar a exposição para 2016, ocupamos as Cavalariças durante uma semana em dezembro passado, com todos os alunos. Virou um grande laboratório que permitiu testar no espaço alguns trabalhos prontos e promover rodas diárias de conversas. Desse modo, aquela sala experimental dos alunos ocorreu ali, antecipando o evento oficial. Foi um processo vital para manter a mobilização enquanto o cronograma sofria redefinições por conta das dificuldades financeiras. A versão reelaborada perdeu a configuração inicial, mas mantém a ideia de usar a escola com propostas em tempos e suportes diferentes, inclusive de modo não objetual, com performance, festa, plataforma na internet, intervenções no parque e debates abertos.

Com os artistas convidados, cuidei de costurar um diálogo entre as obras, como se fosse um texto que respondesse aos temas. Construir essas relações entre as obras é uma das responsabilidades imprescindíveis do trabalho do curador: dar coerência, na montagem, à escolha das obras. O conjunto tem um caráter político, quase virulento, reunindo figuras destacadas no “nicho” da arte política, como a mexicana Teresa Margolles e a brasileira radicada em Berlim, Maria Thereza Alves. A maioria dos trabalhos discute de modo direto questões problemáticas do presente, embora haja alguns contrapontos mais líricos como os objetos de parede em madeira e plumas naturais de Zé Carlos Garcia e a escultura tecnocientífica *Equilibrium*, de Guto Nóbrega. Certas obras serão “infiltradas”, usando colunas da entrada ou trocando as tampas de privadas, proposta do jovem Felipe Ferreira, que coleciona esse mobiliário *kitsch* decorado com paisagens artificiais. Há trabalhos que conheço há anos, como *We Support* [Nós apoiamos, 2007] de Runo Lagomarsino e *Donde nada ocorre* [Onde nada acontece, 2012] da espanhola Irene de Andrés. Apresentá-los aqui me dá grande satisfação.

LL: No seu percurso profissional, que exposições foram determinantes para seguir o caminho da curadoria?

DL: A exposição que mais me marcou na fase pré-curadora foi uma Bienal de Veneza na qual caí de paraquedas em 1999, quando mochilava sozinha pela Europa. Foi um choque. O curador daquela edição era Harald Szeemann e, anos depois, soube que é uma espécie de fundador da curadoria independente. No início do meu trabalho como curadora, em 2005, uma das exposições que mais me marcou foi “Populism”, curada por Lars Bang Larsen, Cristina Ricupero e Nicolaus Schafhausen, no Stedelijk Museum (Amsterdã), que abordou o populismo como fenômeno na política contemporânea. Os trabalhos eram ora ácidos, ora discursivos, todos engajados;

e havia muitos artistas jovens ao lado de artistas consagrados como Cildo Meireles e Sarah Morris. Aquele evento me influenciou tanto que, de certo modo, a exposição “Depois do futuro” pode ser interpretada como uma resposta a “Populism”, dez anos depois.

LL: Não vi a mostra “Populism”, mas os curadores editaram um *reader* que se tornou documento histórico de uma virada para entender novas identidades sociais. A filosofia política de Ernesto Laclau sobre psicologia das massas e democracia trata de um cenário neoliberal na América Latina bem diferente do populismo que o Brasil conheceu e que vemos difundido em *Terra em transe* (1966), de Glauber Rocha. O populismo, para ele, representa uma saída contra o modelo neoliberal. No livro *A razão populista*, ele chega a defender que é um fenômeno que ampliou as bases da democracia. Você diria que “Depois do futuro” reflete também a perplexidade diante de um vazio de representação política?

DL: Sim, é interessante perceber como os trabalhos mais politizados da mostra, incluindo aqueles que denunciam uma situação real (como a extinção dos povos indígenas, de Maria Thereza Alves), apontam para a desilusão com os partidos políticos. Ao mesmo tempo, artistas como Jorge Menna Barreto, que pesquisa alimentação natural e economia solidária, mostram atitudes vinculadas a alternativas que começam na escala micro e podem transformar o entorno social. É como se essas iniciativas nos mostrassem que há de fato um vazio político e que, portanto, precisamos encontrar novas formas de cooperação para superar um horizonte assustador.

Com relação ao populismo neoliberal na América Latina e no Brasil, ele creditou à ampliação do consumo a salvação para os problemas de emprego e geração de renda. Funcionou por um tempo, mas aqui, por exemplo, o que vemos agora são ruas abarrotadas de carros enquanto o transporte coletivo continuou sem investimentos; a educação nunca foi prioritária e a corrupção virou endêmica em todos os níveis e partidos. Por outro lado, apesar desse vazio político, ainda há agendas identificadas com pautas da “esquerda” e da “direita”.

Glorificar o neoliberalismo e justificar a degradação ambiental e a hiperconcentração de renda como meros efeitos colaterais do crescimento das economias e bem-estar da população mundial é um discurso cínico e falido, pois se vê claramente pelo mundo bolsões de miséria crescentes. Claro que não pretendo dar respostas para isso tudo. Parafraseando Leonilson, “Daniela não pode mudar o mundo”, mas fica aqui uma plataforma real de pesquisa, numa escola de arte, nesse espaço onde é possível trocar ideias e lançar luz sobre outras formas de agir politicamente, tendo a arte como ferramenta para sensibilizar o olhar e gerar posicionamentos críticos.

LL: Como você lê as frequentes acusações da parte de críticos de que as exposições de arte estão cada vez mais populistas? Os artistas que você convidou se inserem nesse contexto?

Pergunto-me se haveria diferença entre as noções de populismo das exposições e a dita popularização da arte. É algo a se refletir.

DL: Isso tem a ver com todo um cenário de espetacularização da cultura. Os museus e eventos de arte precisam de números e os patrocinadores querem resultados. Assim, “efeitos especiais” ou *selfies* diante das obras expostas são estimulados por ações educativas que não aprofundam as questões trazidas pelos artistas. O conteúdo fica em segundo plano. Até as bienais internacionais funcionam para promover governos, corporações e fundações geridos por fundos privados e públicos. Pergunto-me se haveria diferença entre as noções de populismo das exposições e a dita popularização da arte. É algo a se refletir.

Em países onde a educação básica é tão desvalorizada e o público das artes visuais tão reduzido, é importante que haja mais acesso aos museus e centros culturais porque estes podem, de fato, gerar iniciativas de qualidade. Porém, percebo que em geral o público é tratado de modo infantil, induzido a “entender” as obras, e não a refletir e construir seu próprio ponto de vista crítico. É essa condução do olhar e do pensamento que é populista e empobrecedora. Os artistas que convidei não trabalham de forma alguma nessa chave. Pelo contrário, são críticos desse fenômeno.

PROGRAMAS PÚBLICOS

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage emitirá um certificado de participação àqueles que assistirem a 100% dos debates e palestras.

4 de março - sexta-feira - 19h às 22h
Jam session e instalação: *Fogueira*, de Isis Passos
Local: Área verde - Parque Lage

a partir das 22h
André Queiroz, *A igreja maravilhosa*
Local a ser definido no Centro do Rio de Janeiro

11 de março - sexta-feira - 19h às 20h30
Conversa entre Daniela Labra, curadora visitante, e Lisette Lagnado, diretora da EAV Parque Lage
Local: Salão Nobre - Parque Lage

18 de março - sexta-feira - 20h às 22h
Cine Lage com projeções de filmes de Joana Traub Csekő e Pedro Urano, *Homenagem a Matta Clark*, 2015, e Pablo Lobato, *Ventos de Valls*, 2013.
Local: Pátio da piscina - Parque Lage

11 de abril - segunda-feira * - 17h às 19h
Debate: “O Brasil contemporâneo e a causa indígena: uma conversa a partir da instalação *o artista como bandeirante*” de Maria Thereza Alves.
Poty Poran, india da etnia Guarani e professora da Escola Estadual Indígena Guarani Gwyrá Pepó, aldeia Tenode Porã, São Paulo e convidados.
Local: Salão Nobre - Parque Lage

19h30 às 21h
Palestra e lançamento do livro: *Entre monstros e quimeras. Reflexões sobre arte, biologia e tecnologia*
Raquel Rennó Nunes, professora da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e Guto Nóbrega, artista e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Local: Salão Nobre - Parque Lage

12 de abril - terça-feira - 18h às 19h
Performance: *Cartas na mesa* de Ricardo C Castro
Local: Cavalariças - Parque Lage

19h30 às 21h
Palestra e debate: “Contra cultura no Brasil: utopias e legados”
Frederico Coelho, escritor, historiador e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC - Rio)
Local: Salão Nobre - Parque Lage

25 de abril - segunda-feira * - 17h às 18h30
Performance: *Gordura Trans # 5*, de Tamiros Spinelli
Local: Área verde - Parque Lage

19h às 20h30
Palestra e debate: “O fim do amor”
Charles Feitosa, filósofo, professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)
Local: Salão Nobre - Parque Lage

26 de abril - terça-feira - 16h às 18h30
“Poéticas e políticas do corpo em ação”. Fórum de discussão sobre arte, performance e gênero
Tamiros Spinelli, artista e ativista e Caio Riscado, pesquisadorem performance e estudos de gênero e convidados.
Local: Salão Nobre - Parque Lage

19h às 20h30
Palestra de encerramento: “As muitas mortes da arte”
Marisa Flório, curadora independente, crítica e professora do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Local: Salão Nobre - Parque Lage

1º de maio - domingo - 15h
Performance: *Cartas na mesa* de Ricardo C Castro
Local: Cavalariças - Parque Lage

* Segundas-feiras abertas ao público das 14 às 19h, em caráter especial.

CURADOR VISITANTE

Curador Visitante é um programa de exposições elaborado em 2015 na forma de curso livre. Oferecido aos estudantes da Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, tem como objetivo reforçar o diálogo da principal instituição de ensino das artes da cidade com a comunidade artística e participar de sua agenda cultural de forma propositiva.

Núcleo fundamental do novo projeto de formação gratuita – Práticas Artísticas Contemporâneas (PAC) –, o programa permite aproximar a produção interna da EAV de críticos e escritores em atividade, estimulando possibilidades de trocas. Acredita-se na convivência de várias gerações para multiplicar o alcance social da escola.

Cada curador visitante é chamado a apresentar sua pesquisa atual e a ministrar um seminário de 40 horas, ao longo do qual orienta estudantes cujos projetos são convergentes com seu escopo de trabalho, tendo ainda a tarefa de incluir, no mínimo, cinco deles na sua exposição. Assim, a EAV assume uma etapa importante na formação de artistas: a responsabilidade de sua futura inserção institucional.

Estruturado como laboratório, o programa amplia a visibilidade de jovens curadores, convidando-os a usar uma escola de artes como campo experimental, sem preocupações com demandas de mercado, e a fazer parte de seu corpo docente.

As exposições acontecem em espaços de natureza diversa, Cavalariças, Capela, Gruta, Torre e área verde, entre outros locais protegidos, tendo de absorver as especificidades históricas do complexo arquitetônico e paisagístico, onde funciona a EAV desde 1975.

Curadores visitantes em 2016: Daniela Labra*, Marta Mestre*, Beatriz Lemos, Santiago García Navarro, Gabriel Bogossian.

* Exposições de 2015, adiadas para o primeiro semestre de 2016.

Governo do Estado do Rio de Janeiro
[Rio de Janeiro State Government]

Governador [Governor]
Luiz Fernando Pezão

Vice-Governador [Lieutenant Governor]
Francisco Dornelles

Secretaria de Estado de Cultura
[Rio de Janeiro State Culture Secretariat]

Secretária de Estado de Cultura [State Secretary of Culture]
Eva Doris Rosental

Subsecretária de Relações Institucionais [Undersecretary of Institutional Affairs]
Olga Campista

Subsecretário de Planejamento e Gestão [Undersecretary of Planning and Management]
José Elano de Assis Júnior

Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Diretora [Director]
Lisette Lagnado

Comissão de Ensino [Teaching Committee]
Cadu Daniel Jablonski
Fernando Cocchiarale
Roberto Conduru

Coordenadora de Ensino [Teaching Coordinator]
Tania Queiroz

Supervisora de Ensino e Educativo [Teaching and Education Supervisor]
Vanessa Rocha

Coordenadora Executiva de Projetos e Eventos [Projects and Events Executive Coordinator]
Rosa Melo

Produção [Production]
Renan Lima

Supervisor de Captação de Recursos [Fundraising Supervisor]
Naldo Turi

Biblioteca [Library] | Centro de Documentação e Pesquisa [Centre of Documentation and Research]
Curadora Residente [Resident Curator]
Beatriz Lemos
Assistente [Assistant]
Rubia Luiza da Silva

OCA LAGE

Presidente [President]
Marcio Botner

Presidente do Conselho [Chairman of the Board]
Paulo Albert Weyland Vieira

Vice-Presidente do Conselho [Vice-Chairman of the Board]
Fabio Szwarcwald

Diretor Administrativo e Financeiro [Administrative and Financial Director]
Artur E. P. Miranda

Gerente Administrativo e Financeiro [Administrative and Financial Manager]
Rosana Ribeiro

Gerente de Eventos e Projetos [Project and Event Manager]
Marcus Wagner

Assessoria de Imprensa [Press Relations]
CWeA Comunicação

EXPOSIÇÃO [EXHIBITION]

Curadoria [Curator]
Daniela Labra

Assistente de Curadoria [Assistant Curator]
Aline Baiana Cavalcanti
Emília Estrada

Produtora de Montagem [Installation Producer]
Carolina Bitencourt

Assistente de produção 1ª Etapa [Production Assistant, 1st stage]
Adriana Simões

Programa Educativo [Education Program]
Coordenadora de Pesquisa e Formação [Research and Training Coordinator]
Maya Inbar

Design Gráfico [Graphic Designer]
Roberto Unterladstaetter

Fotografia [Photographer]
Pedro Agilson

Impressões fotográficas [Prints of Photographs]
Barracão de Imagens Ltda

Revisão de texto [Proofreader]
Rosalina Gouveia

Tradução [Translator]
Rebecca Atkinson

Sinalização [Signage]
Buritis Design
Gouvêa Artes

Produção Gráfica [Print Production]
Sidnei Balbino

Iluminação [Lighting]
Rogério Emerson Magalhães

Montagem [Exhibition Assembly]
Robson Affini
Rafael Corrêa

Equipe de Restauro e Manutenção dos Espaços Expositivos [Restoration and Maintenance of Exhibition Spaces]
Jorge Monteiro
Madeira
Rogério Lira da Silva
Vitor Santos

Eletricista [Electrician]
Homero Gomes

Agradecimentos [Acknowledgements]

Alessandra Vanucci, André Parente, Bernardo de Sousa, Carla Zaccagnini, Daniele Dal Col, Fabian Cantieri, Ieda Tucherman, Kátia Maciel, Luiz Guilherme Vergara, Maykson Cardoso, Milton Machado, Paula Sibilia

Galerias [Galleries]
Celma Albuquerque, Fortes Vilaça, Nara Roesler, Silvia Cintra, Superfície e Zipper, Automática Produtora de Arte Contemporânea

Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR)

E os demais integrantes do Lab. Depois do Futuro [And the other members of the After the Future Lab]:

Bárbara Morais, Cristiane Friggo, Dayana Clara, Ian Schuler, Jéssica Barbosa, João Pacca, João Marcos Mancha, Khalil Charif, Leno Veras, Manoela Medeiros, Mariana Meneguetti, Oscar Aramendi, Raquel Rodrigues, Romain Dumesnil, Talita Tunala, Tamara Ganem

Plataforma digital [Digital Platform]
www.depoisdofuturo.com.br
Desenvolvimento e criação [Developed and Created by]:
Almanix

Gestão CFB/EAV [Management CFB/EAV]

Apoio Institucional [Institutional support]

Patrocínio [Sponsorship]



SECRETARIA DE CULTURA



oca Lage



Ministério da Cultura



PERTO DE VOCÊ